

O ENSINO NO PERÍODO BENEDITINO (1912-1936) NA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA SÃO BENTO

ARGUS VASCONCELOS DE ALMEIDA¹

¹ Professor Titular do Departamento de Biologia da UFRPE, Área de Ensino das Ciências Biológicas

Autor para correspondência: argusalmeida@gmail.com

Resumo: Por meio de uma revisão de literatura de fontes manuscritas e de trabalhos publicados, foi feita uma abordagem histórico-analítica do ensino agrícola durante o período beneditino (1912-1936) na Escola Superior de Agricultura São Bento (ESA-SB). Foram analisadas as características do modelo alemão adotado, sua docência e a formação de currículos. A ESA-SB representou uma experiência *sui generis* de ensino superior agrônômico no Brasil, onde a disciplina e a organização de uma Ordem religiosa funcionavam como um fator de coesão dos diversos componentes de um currículo em sentido amplo: elenco de matérias, concepções filosóficas, professores, regime de internato e instalações no campo. Como exemplo de docência e pesquisa, foi analisada a participação do professor e naturalista Dom Bento Pickel.

Termos para indexação: beneditinos, currículo, docência, ensino, pesquisa.

THE TEACHING DURING THE BENEDICTINE PERIOD (1912-1936) IN THE ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA SÃO BENTO

Abstract: Upon a literature review of handwritten sources and published papers, a historical-analytical approach was carried out on the agronomic system teaching during the Benedictine Period (1912-1936) at the Escola Superior de Agricultura São Bento (ESA-SB). It was analysed the main features of the adopted German academic model, the type of teaching and curricula organization. The ESA-SB represented a *sui generis* experience of agronomic higher education in Brazil. Working under a rigid discipline and the organization of a religious order functioned cohesively with the diverse components of a broader curriculum. A list of subjects, philosophical conceptions, teachers, internship regime and facilities in the field. As an example of teaching and researching the life of the naturalist Dom Bento Pickel was overview.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No final do século XIX, a outrora gloriosa Olinda, sede da capitania de Pernambuco, fundada por Duarte Coelho em 1537, era uma cidade em decadência. Já em 1821, como testemunhou a viajante inglesa Maria Graham, essa decadência era visível.

Repleta de sobrados, igrejas e mosteiros em ruínas, tinha as suas ruas tomadas pelo mato e uma plebe urbana formada principalmente por escravos, pescadores e artesãos. Ao mesmo tempo, era uma cidade habitada por muitos padres e freiras.

Nesse período o mosteiro beneditino não fugia a regra. Estava praticamente deserto, habitado por pouquíssimos monges. Não se sabe bem o porque, em 1895, a Igreja resolveu repovoá-lo com monges alemães, os chamados “restauradores”, que vieram como voluntários do Mosteiro de Beuron do sul da Alemanha, eram liderados por Dom Gerardo Van Caloen, que em 1896 foi eleito como o 76º abade do Mosteiro de São Bento de Olinda.

Dom Pedro Roeser (1870-1955) liderando um grupo de quinze monges reformadores, todos de identidade alemã e filhos de camponeses, com pouca ou nenhuma formação acadêmica, em dezembro de 1906 chegou a Pernambuco. Posterior a esse momento, Dom Pedro Roeser foi nomeado Abade do Mosteiro da cidade de Olinda e da Paraíba, em 08 de junho de 1907, pelo Papa Pio X. A bênção abacial foi dada em novembro do mesmo ano pelo Arquiabade Dom Gerardo Van Coelen.

Esse grupo, juntamente com alguns monges brasileiros, veio a se constituir no corpo docente das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento.

Conta-se que Dom Pedro Roeser, trazia esse projeto em sua mente e aqui chegando tratou de colocá-lo em prática, contando com o apoio governamental, diante da necessidade de formação de quadros técnicos qualificados na região.

Entretanto, esses monges não tinham formação acadêmica agrônoma, mas todos provinham de famílias ligadas à agricultura na Alemanha. Tiveram, então, de se preparar para assumirem a docência, contando, para isso, com a ajuda de professores vindos da Alemanha: Dr. Hermann Rehaag (médico veterinário) e o Dr. Johan Ludwig Nikolaus (agrônomo e naturalista).

Não seria a primeira vez que o Mosteiro de São Bento de Olinda acolheria um curso de formação superior. Entre 1827 e 1854, funcionaram no mosteiro os Cursos Jurídicos, principalmente na sua biblioteca.

Assim, uma juventude alegre e barulhenta durante 27 anos perturbou a vida monástica do mosteiro, que para o alívio dos monges, depois foi transferido para o prédio da atual prefeitura, sendo mudado, após alguns anos, definitivamente para o Recife.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) ao longo de seus 100 anos de existência passou por várias transformações: a primeira, fase beneditina (1912- 1936), a segunda, estadualizada (1936-1958) e a terceira, federalizada, de 1958 até aos dias atuais.

Organizada de acordo com o modelo alemão, a Escola Superior de Agricultura São Bento (ESA-SB) funcionou sob a direção dos beneditinos até dezembro de 1936, quando sofreu desapropriação pelo governo estadual. Em 1938, já com a denominação de Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP), foi transferida para o arrabalde de Dois Irmãos, transformando-se, posteriormente, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) (MAGALHÃES et al., 2008).

A história oficial esquece vários aspectos importantes para uma compreensão mais abrangente das circunstâncias e condicionantes que conduziram ao surgimento de duas Escolas Superiores em Olinda. Em primeiro lugar, não podemos esquecer que a Ordem Beneditina, durante vários séculos de existência na Europa, aliou a missão de conservar e transmitir a herança cultural greco-romana ao cultivo de imensas propriedades territoriais. Em segundo lugar, a iniciativa de Dom Pedro Roeser conciliava-se perfeitamente com os interesses dos “Amigos do Mosteiro de São Bento”. As duas instituições ligadas à agricultura e à pecuária surgiam como uma alternativa para soerguer a agricultura em Pernambuco, que vinha em declínio há várias décadas, sobretudo, a canavieira (MAGALHÃES et al., 2008).

Os amigos do Mosteiro de Olinda, tão referenciados pela Irmandade, eram políticos fortemente ligados a elite agrária da

região (como o Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira). Portanto, há silenciamentos na história oficial, bem como, na historiografia de época local, quando essa atribui a iniciativa da criação das Escolas Superiores de São Bento exclusivamente aos beneditinos do Mosteiro de Olinda, ou melhor, da Igreja Católica. Percebemos nesse evento, múltiplas redes de sociabilidades entre políticos republicanos positivistas e clérigos que resultou no surgimento da ESA-SB (SILVA, 2010).

Esses homens como filhos da elite rural, possuidores de engenhos centrais e usinas, ocupando altos cargos públicos e liderando grupos açucareiros da região, como podemos perceber, houve uma relação de poder em torno da criação das Escolas (SILVA, 2010).

Assim, a resolução do Abade recebeu apoio imediato da fina flor da elite ligada à agricultura canavieira e à pecuária. Desse modo, a fundação de dois cursos independentes, no mesmo local, visava atender os interesses na formação de quadros para a agricultura canavieira e para a pecuária. Embora sendo instituições privadas e gratuitas, as duas escolas serão equiparadas às oficiais e subvencionadas pelo Governo Federal através do decreto No 4195 de 29 de janeiro de 1920 (MAGALHÃES et al., 2008).

Logo, ensino agrícola, em especial o curso de agronomia implantado no Estado de Pernambuco nas primeiras décadas do século XX, ganhou destaque na Primeira República, tendo como objetivo formar intelectuais orgânicos dos grupos agrários dominantes, empenhados na constituição de um discurso de cientificidade da sua atividade para garantir legitimidade e reconhecimento sócio-político, com essa perspectiva, implantarem uma agricultura moderna (SILVA, 2010).

A Escola Superior de Medicina Veterinária São Bento, teve vida breve, encerrou suas atividades em 1926 por falta de estudantes, tendo sua última turma formada em 1925. O curso de Medicina Veterinária só voltou a funcionar, depois da fase beneditina, em 1947 formando sua primeira turma em 1953 (MAGALHÃES et al., 2008).

A ESA-SB funcionou temporariamente em Olinda, num prédio anexo do próprio Mosteiro de São Bento. Mesmo antes de ter as instalações físicas próprias para o funcionamento das escolas, os beneditinos preocuparam-se em equipar laboratórios e gabinetes para aulas práticas dos cursos (MAGALHÃES et al., 2008).

A seleção dos alunos nos dois cursos era feita através de cursos preparatórios. O primeiro funcionou no próprio Mosteiro de São Bento de Olinda em 1913, com a participação de 71 alunos. O corpo docente foi formado pelos seguintes professores: Pe. Jonas Taurino de Andrade (Português); Dr. Eduardo Corrêa da Silva (Geografia e História); D. Plácido de Oliveira (Inglês); D. Tito Dobbert (Alemão); D. Bento Pickel (Francês e História); D. João Kehrle (Matemática); D. Pedro Bandeira de Mello (Geografia); D. Gabriel de Vasconcellos Beltrão (Francês) (PRIMEIRO RELATÓRIO, 1916).

Em 1917 a ESA-SB foi instalada numa propriedade de 1200 ha, no município de São Lourenço da Mata, a 8 km da estação ferroviária de Tapera, atualmente distrito de Bonança. Essa transferência de Olinda para S. Lourenço da Mata proporcionou à ESA-SB uma relativa estabilidade (MAGALHÃES et al., 2008).

O dia a dia dos alunos no Engenho São Bento em Tapera é retratado pela pesquisadora memorialista Denize Azevedo (2017), quando escreve:

[...] Escola Superior de Agricultura de São Bento, ornada por vários campos de culturas próprios para o ensino experimental e o consumo alimentício diários das Escolas. Cultivam milho, sorgo, feijão, cana-de-açúcar, mandioca, batata-doce, arroz, hortaliças e pomar. Além de aviário, apiário, pocilgas, estábulos, criação de bovinos, cavalos, cabras e coelhos.

A vida cotidiana de qualquer grupo social é reveladora por ser o mundo da intimidade, da familiaridade e das ações banais, o dia a dia daqueles formandos, seja em oração matutina na capela do mosteiro, missas aos domingos, no café regional típico de fazenda com leite, cuscuz, pão, queijo, batata-doce, macaxeira, carne de sol, mel e frutas, tudo produzido nas Escolas. Bem como o labutar no arado, na casa das máquinas, no estábulo, na pocilga, no apiário, nos saraus, nos banhos e passeios de barco sobre as águas do Rio Tapacurá, em oportunidade única desse grupo social apreciar a fauna e a flora da exuberante Mata Atlântica, nas apresentações teatrais, nos jogos de futebol, nas aulas de Tiro de Guerra. Também nas longas horas de estudo na biblioteca e pesquisas nos laboratórios, em aulas teóricas e práticas, fosse no campo ou no Matadouro de Peixinho, na produção de artigos para a revistas do Centro Acadêmico. Em conversas, sonhos, choros, conflitos, competições com outros institutos do saber, em momentos de exposições agropastoris do estado, a exemplo da Exposição Agrícola e Industrial dos Municípios (AZEVEDO, 2017, pp.15-16).

Como consta nas Atas da Congregação, na 1ª sessão em 1912 e na Plaquete Comemorativa do Cinquentenário da ESAP

(1962), as duas Escolas tiveram como modelo os cursos das Universidades de Munique e Halle.

A FORMAÇÃO DO CURRÍCULO AGRONÔMICO NO PERÍODO BENEDITINO

As Atas da Congregação (AC) e outros manuscritos, consultados no Memorial da UFRPE, utilizam com frequência, os termos “programa”, “matéria”, “cadeira”, “cathedra”, e “cathedrático”.

O vocábulo “programa” possui usualmente o mesmo significado atribuído atualmente, ou seja, é o conteúdo programático ou relação de tópicos extraídos de uma determinada ciência ou atividade humana. No entanto, num contexto específico, denomina o que chamamos atualmente currículo no sentido estrito, ou seja, elenco de matérias (disciplinas) julgadas necessárias à formação de um profissional. Nesse sentido, pode-se compreender o termo “programa” na seguinte frase comum nas AC: “Em seguida é discutida a adoção para a Escola Agrícola e Veterinária dos programas das Escolas Superiores congeneres...” (AC, 1ª sessão em 1912) Já o termo “Matéria”

equivale atualmente à disciplina, enquanto que “Cadeira” também denominado de “cathedra”, refere-se ao conjunto de “matérias”. O termo “cathedrático” era a designação dada ao professor responsável pela “matéria”. Logo, no período beneditino, as “cadeiras” ou “cathedras” constituíam um conjunto de disciplinas regidas por um lente cathedrático (MAGALHÃES et al., 2008).

Entre 1913 a 1915 o corpo docente da ESA-SB, era formado pelos seguintes professores: Dom Bento Pickel (Botânica, Entomologia, Anatomia e Fisiologia Vegetal); Dom Plácido de Oliveira (Ciências Naturais e Mecânica Agrícola); Dom Gregório Saupp (Zoologia, Anatomia, Meteorologia e Climatologia); Dom Rhabano Bidell (Agricultura Geral e Especial); Dom Paulo Rudenauer (Pomi-Horti-Silvicultura); Dr. Hugo von Moers (Agrimensura e chefe das

culturas) (PRIMEIRO RELATÓRIO, 1916).

Segundo a Plaquete (1962), na inauguração do curso de Agronomia em 1914, o corpo docente, ficou assim constituído: Dom Amaro Budenmuller, Dom Agostinho Ikas, Dom Anselmo Fuchs, Dom Bento Pickel, D. Bernardo Ott, Dom Gabriel Beltrão, Dom Gregório Saupp, Dom Ildefonso Shafer, Dom Hildebrando Shafer e Dom Pedro Bandeira de Melo.

Em 1918, foi criado o regime de cadeiras onde as disciplinas que constituíam o curso foram divididas em sete cadeiras, ficando cada uma a cargo de um professor catedrático (AC, 52ª sessão em 1912).

O vocabulário pedagógico do início do século XX não comportava expressões como projeto pedagógico, perfil do profissional, tão caras à techno-burocracia escolar dos dias atuais. Isto, porém, não significa a ausência de concepções filosóficas norteadoras da ação pedagógica dos monges beneditinos. Mesmo que essa filosofia não existisse de maneira expressa, traduzia-se nos diversos elementos necessários à execução de um currículo. Como principais pontos que influenciaram diretamente o currículo de Agronomia, criado pelos beneditinos, pode-se destacar em primeiro lugar, a sólida formação humanística, uma das características marcantes da Ordem Beneditina, que se fundia à dedicação na busca dos conhecimentos necessários ao ensino agrônômico; a localização da Escola de Agricultura numa área rural de solo fértil e adequado às práticas agrícolas, onde os professores e o pessoal de apoio residiam nas dependências da escola. Desse modo, podiam dedicar-se às atividades acadêmicas em regime de tempo integral. A Escola possuía laboratórios cujos equipamentos eram renovados constantemente, dava-se ênfase especial aos trabalhos práticos que constituíam disciplina como as demais com avaliações parciais e finais (LIVRO DE TERMO DE EXAMES DA ESCOLA SUPERIOR DE

AGRICULTURA “SÃO BENTO” (LTE-ESA-SB de 1914-1924).

Todos esses elementos confluíam para um único objetivo: a formação de agricultores com diploma de nível superior e, portanto, capazes de praticar uma agricultura racional (MAGALHÃES et al., 2008).

A Regra que São Bento deixou para seus monges tem aproximadamente 1500 anos. Durante esse período, “as práticas descritas na Regra foram lidas e vividas em diferentes contextos, possibilitando múltiplos significados à condição de monge beneditino. Esses significados resultam das diferentes leituras expressas no cotidiano dentro dos mosteiros beneditinos, que tradicionalmente têm como fundamentos a oração e o trabalho (o estudo, que também faz parte da vida dos monges, pode ser entendido como um trabalho intelectual ou como oração)”. Nessa perspectiva, as atividades do magistério, exercidas em escolas dedicadas à formação de agrônomos e veterinários, coadunam-se com o que prescreve a Regra da Ordem Beneditina (MAGALHÃES et al., 2008).

A escolha, pelos beneditinos, de um paradigma alemão, vai muito além de uma simples transposição de programas. Optou-se por uma “Landwirtschliche Hochschule”, ou seja, uma Universidade Rural, uma subdivisão da Universidade Técnica (em alemão: “Technische Hochschule”). Essas instituições surgiram no final do século XIX com o objetivo específico de formar mão-de-obra especializada para a florescente indústria alemã (MAGALHÃES et al., 2008).

As Atas da Congregação (AC) registram essa política de forma concisa na elaboração dos currículos. É o que se vê registrado na AC, na 1ª sessão em 1912: “foram tomados por base os programas da Universidade de Munique e o previsto pelo governo federal para tais institutos”. Desta forma, o elenco de disciplinas ministradas no período compreendido entre o ano de

1914 e 1917 pode ser reconstituído a partir do LTE-ESA-SB.

O currículo de Agronomia entre 1914 e 1924 (currículo “A”), com os professores, era o seguinte:

1º Ano: Física (Dom Gregório Saupp); Química Inorgânica e Analítica (Dom Pedro Bandeira de Melo); Botânica Geral – Anatomia e Fisiologia (Dom Bento Pickel); Zoologia Geral – Anatomia e Fisiologia (Dom Tito Dobbert); Mineralogia (Dom Amaro Bodenmüller); Climatologia (Dom Pedro Bandeira de Melo); Desenho Geométrico e à mão livre (Dom Hildebrando Schafer).

2º Ano: Química Orgânica (Dom Plácido de Oliveira); Química Vegetal (Dom Plácido de Oliveira); Botânica Especial (Dom Bento Pickel); Entomologia Agrícola (Dom Tito Dobbert); Agrologia (Dom Amaro Bodenmüller); Mecânica Agrícola (Dom Gregório Saupp); Desenho de Máquinas (Dom Gregório Saupp).

3º Ano: Fitopatologia e Microbiologia Agrícolas (Dom Bento Pickel); Agricultura Geral (Dom Gregório Saupp); Pomi-Horti-Silvicultura (Dom Anselmo Fuchs); Zootecnia Geral (Dom Agostinho Ikas); Economia Rural (Dom Gabriel Beltrão); Agrimensura (Dom Gregório Saupp); Desenho Topográfico (Dom Gregório Saupp).

4º Ano: Agricultura Especial (Dom Anselmo Fuchs); Zootecnia Especial (Dom Agostinho Ikas); Tecnologia Rural (Dom Plácido de Oliveira); Legislação Rural (Dom Gabriel Beltrão); Contabilidade Agrícola (Dom Bernardo Ott); Engenharia Rural – Hidráulica e Construções (Dom Gregório Saupp); Desenho Técnico (Dom Gregório Saupp) (PLAQUETE, 1962, p.30).

A partir de 1918, os beneditinos apresentam oficialmente um currículo completo para o curso de engenheiros agrônomos (currículo “B”) com 4 anos de duração (AC, 41ª sessão em 1917), nos seguintes termos: “Na mesma ocasião foi modificado o programa do curso dos engenheiros agrônomos ” (LTE-ESA-SB).

O currículo de Engenharia Agrônômica, entre 1924 e 1930, teve a seguinte organização:

“I Anno: Chimica inorgânica: Chimica analytica qualitativa; Physica agrícola; Botânica agrícola; Zoologia; Entomologia agrícola; Agrologia; Mineralogia agrícola; Meteorologia; Climatologia; Desenho geométrico.

II Anno: Chimica orgânica; Chimica analytica agrícola; Agricultura geral; Entomologia agrícola; Mechanica geral; Machanica applicada; Anatomia; Physiologia das plantas; Anatomia e Physiologia dos animaes domésticos; Desenho de Machinas.

III Anno: Agrimensura; Agricultura especial; Phytopathologia; Pomi-Horti-Silvicultura; Industrias agrícolas; Zootechnia geral; Zootechnia especial; Bromatologia; Economia rural; Desenho topographico.

IV Anno: Hydraulica; Construções ruraes; Construção de estradas e pontes; Legislação rural; Contabilidade agrícola; Zootechnia especial (avi-api-psicultura); Medicina-Veterinária; Desenho de construções” (LTE-ESA-SB).

Existem algumas diferenças entre o programa da ESA-SB e o programa oficial do Ministério da Agricultura, estabelecido pelo Decreto no 8319. No que concerne o ensino de Química, o currículo oficial não incluía Química Inorgânica e Química Analítica Qualitativa. Além disso, a disciplina Química Vegetal só existiu de 1914 a 1918 (LTE-ESA-SB).

Durante aproximadamente quatro anos, 1914-1918, Dom Plácido de Oliveira lecionou Química Orgânica e Química Vegetal. Dom Pedro Bandeira de Mello, além de Diretor, lecionou Química durante todo o período beneditino.

Com a introdução da cátedra, assumiu a “cadeira de Chimica analythica agrícola” que compreendia: “Chimica inorganica, Chimica organica, Chimica analythica, Chimica applicada e Mineralogia” (AC, 41ª sessão em 1917). Os catedráticos tinham direito de escolher um ou dois

auxiliares para as aulas práticas de laboratório. No entanto, somente em 1928, a Escola contratou o químico Wilhem Kohler para assumir a disciplina Química Inorgânica.

Nesta perspectiva, pode-se dividir as disciplinas do currículo que analisado em técnicas ou tecnológicas e derivadas de uma determinada ciência. Pertencem ao primeiro grupo: Agricultura Geral e Especial, Agrimensura, Construções Rurais, Desenho de Máquinas, Desenho de Construções, Medicina Veterinária, Pomi-Horti-Silvicultura e Zootecnia Geral e Especial. As outras disciplinas filiam-se a suas respectivas ciências.

Da Astronomia deriva-se Meteorologia e Climatologia. Por Agrologia entende-se a aplicação da Geologia ao estudo do solo. A Biologia contribui com as seguintes disciplinas: Anatomia e Fisiologia das Plantas, Anatomia e Fisiologia dos Animais, Botânica Agrícola, Entomologia Agrícola e Fitopatologia. Pertencem ao campo da Física: Física Agrícola, Mecânica Geral e Aplicada e Hidráulica. Relacionam-se com as Ciências Sociais: Economia Rural, Legislação Rural e Contabilidade Rural. Por último, representam a Química: Química Inorgânica, Química Analítica Qualitativa, Química Analítica Agrícola, Mineralogia Agrícola, Bromatologia e Indústrias agrícolas.

A Astronomia, a Biologia, as Ciências Sociais, a Física e a Geologia estudavam aspectos particulares das atividades agrônomicas. Assim, somente a Química abrangia todas as fases do ciclo que vai da sementeira à colheita. Mas a agricultura racional não se encerra com o ciclo vegetativo, como sugere a divisa da UFRPE: *Ex Semine Seges* (das sementes às espigas). Consequência natural da atividade agrícola, a indústria “modifica a forma destes produtos, alterando-lhes o estado e as propriedades, tornando-os de fácil conservação ou transforma-os em outros produtos que alcançam um valor superior ao da matéria-

prima empregada” (MAGALHÃES et al., 2008).

Na ESA-SB, na cadeira de Indústrias Agrícolas, estudavam-se a fabricação do açúcar, do álcool, do vinagre e do vinho, a extração do amido, o leite e seus derivados e extração de óleos. Verifica-se, facilmente, que se trata de processos ou produtos que pertencem ao campo da Química.

Além disso, o texto escrito pelo então acadêmico Ivan Tavares (TAVARES, 2009) ressalta a importância de princípios básicos para as indústrias agrícolas. Inicialmente refere-se à aplicação da análise química aos processos industriais. Em linguagem metafórica, considera a Química Analítica indispensável ao sucesso de qualquer indústria. “O laboratório químico é a bússola da fábrica [...]. Foi o laboratório que soube salvar a indústria assucareira da be-terraba; é a ausência do mesmo que compromete a da canna”. Noutro trecho, o mesmo autor, compara a agricultura com uma fábrica. “A agricultura pode ser considerada como uma indústria, sendo a fazenda uma fábrica de matérias vivas” (TAVARES, 2009).

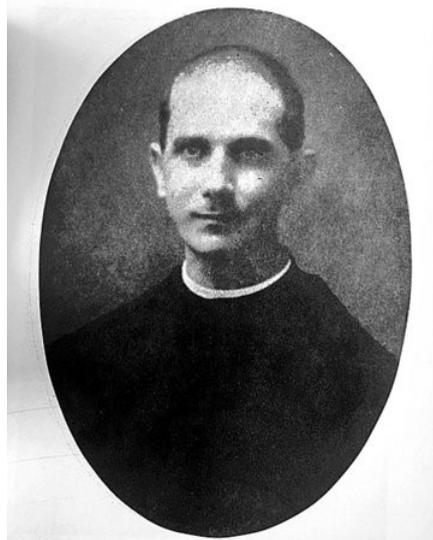
O acadêmico Ivan Tavares evoca, nos seus textos, os mesmos princípios que Justus von Liebig julgava indispensáveis a uma agricultura racional. Desse modo, parece bastante provável que a doutrina agrícola do químico alemão fizesse parte do currículo implícito dos beneditinos. Assim sendo, a Química desempenhava um papel diferenciado na formação dos futuros agrônomos transmitindo-lhes uma visão de suas funções centradas no laboratório de Química Analítica (TAVARES, 2009)

Mas o papel exercido pela Química possuía alguns condicionantes, independentes da natureza dessa disciplina. Em primeiro lugar, a organização das matérias de Química, sob a regência de um único catedrático, possibilitava o funcionamento integrado das mesmas. Em segundo lugar, o regime de internato facilitava o intercâmbio de ideias entre professores e estudantes. Em

terceiro lugar, possivelmente o fator mais importante, havia uma concepção sobre a formação dos futuros agrônomos e engenheiros agrônomos, implementada de

maneira articulada, sob a liderança de Dom Pedro Bandeira de Mello, que acumulava as funções de Diretor da ESA-SB e de catedrático de Química Agrícola.

Figura 1- Dom Pedro Bandeira de Melo, Diretor da ESA-SB



Fonte: PLAQUETE, 1962

Nesse sentido, a ESA-SB representa uma experiência *sui generis* de ensino superior agrônomo no Brasil. A disciplina e a organização de uma Ordem religiosa funcionavam como um fator de coesão dos diversos componentes de um currículo em sentido amplo: elenco de matérias, concepções filosóficas, professores, regimento e instalações (MAGALHÃES et al., 2008).

Após 1936, com a desapropriação da Escola pelo Estado de Pernambuco, esse modelo desestruturou-se. Todas as mudanças foram realizadas no sentido de uma maior dispersão e isolamento das disciplinas.

As cátedras de sete passaram para dezoito. As disciplinas de Química, ou afins

sofreram várias modificações. A denominação Química Agrícola deixou de designar uma cátedra, desmembrando-se em três cadeiras com seus respectivos catedráticos. Eliminou-se a Química Inorgânica. Fundiram-se Química Agrícola e Microbiologia numa única disciplina. A disciplina Geologia absorveu a Mineralogia. A Bromatologia, com a designação de “alimentação” reduziu-se a um tópico da Zootecnia Especial. Enfim, com o surgimento compulsório de um novo paradigma, a Química permaneceu no currículo de Agronomia como qualquer outra disciplina. Jamais voltou a desempenhar o papel que tinha no currículo do período beneditino (MAGALHÃES et al., 2008).

O PROFESSOR E NATURALISTA DOM BENTO PICKEL

De um relatório da ESA-SB, é possível se constatar a prática pedagógica do

Professor Dom Bento Pickel nas disciplinas que ministrou:

O ensino pratico foi o mais instructivo possível, obedecendo sempre aos princípios estabelecidos pela Congregação. A theoria foi esclarecida pelo maior numero de experiencias que as circunstacias permittiram, afim de facilitar aos alumnos a comprehensão das materias. [...] Na cadeira de Botanica as aulas praticas trataram: do conhecimento morphologico e systematico da planta “in natura”, havendo para este fim frequentes excursões á matta para colecionamento de plantas e confecção de herbarios, de desenhos das partes morphologicas das plantas; o estudo da systematica foi feita á mão do herbario da Escola e de mapas. – Em anatomia vegetal fizeram-se estudos ao microscopio, da cellula, productos cellulares, membrana cellular e suas modificações, tecido cellular, vascular e epidermico; foi tambem estudada a estructura de diversos vegetaes no lenho e casca, da raiz e do tronco. – Na Physiologia vegetal os alumnos estudaram no laboratorio e no campo: vias de transporte da seiva bruta e elaborada; phenomeno da transpiração e respitação, tropismos e crescimento; alimentação das plantas, culturas no vidro e em latas com demonstração dos fertilisantes necessarios ao seu desenvolvimento. – Em Phytopathologia estudaram-se no campo e no laboratorio varias molestias bascteridianas e cryptogamicas encontradas no local, e molestias tropicaes nos mappas; preparação a applicação de caldas fungicidas e debellação das molestias estudadas. Pelo professor foi confeccionado um rico herbario e uma collecção de preparados microscopicos sobre Anatomia e Phytopathologia. [...] Entomologia: excursões para collecções entomologicas; estudo anatomico dos insectos, estudo com auxilio de mappas e ao microscopio da biologia de varios coleo e leptobrocas (QUINTO RELATORIO, 1919, pp.7-9).

Em outro documento descrevem-se os gabinetes da ESA-SB no Engenho São Bento em Tapera:

Entre os seus gabinetes mais importantes, encontra-se o de Botânica, Entomologia e Fitopatologia, com vinte e dois microscópios “Zeiss” para aulas práticas, dois “Leitz” de grande aumento para pesquisas e dois binoculares “Zeiss”, quatro micrótomos manuais e quatro automáticos, dois autoclaves, dois aparelhos completos para desenho ao microscópio e um projetor “Leitz” para figuras de páginas de livros, *slides* e diapositivos, bem como partes vivas de plantas.

Acondicionado em cofres metálicos, existe um magnífico herbário, contendo seis mil espécies de plantas da região, das quais quatro mil se encontram devidamente classificadas e catalogadas e, em caixas de madeira com tampas de vidro, constituindo gavetas móveis de estantes adequadas, há valiosa coleção entomológica, possuindo cinco mil insetos diversos, da região, todos identificados e catalogados. O Prof. D. Bento Pickel, responsável pelo referido gabinete, já realizou estudos das principais doenças e pragas das culturas dos Estados de Pernambuco e Paraíba (PLAQUETE, 1962, p.62).

Como personagem emblemático entre os monges “reformadores” alemães que assumiram a docência no período

beneditino da ESA-SB, destaca-se Dom Bento Pickel como nosso primeiro naturalista.

Figura 2- Prof. Dom Bento Pickel



Fonte: ALMEIDA, 1998.

Como escreve Almeida (1998; 2008; 2012) o professor Dom Bento Pickel foi um personagem estreitamente ligado à história da ESA-SB. Nascido, como Dom Agostinho Ikas¹, em Markelsheim, sul da Alemanha, a 28 de julho de 1890, filho de Luiz Pickel e Margarida Schieser. cursou o primário em sua cidade natal e o ginásio na cidade vizinha de Mergentheim (onde nasceu Dom Pedro Roeser). Emigrou para o

Nessa localidade, cercada por florestas, B. Pickel realizou um intenso

Brasil em 14 de novembro de 1908, desembarcando no Recife aos 18 anos de idade.

A 07 de janeiro de 1917, realizou-se a transferência do curso de Agricultura para o Engenho São Bento, na Estação de Tapera, município de São Lourenço da Mata (hoje Estação Ecológica do Tapacurá). As aulas de Agricultura foram iniciadas, sob regime de internato, a 03 de março de 1917 (ALMEIDA, 1998, 2008; 2012).

programa de coletas sistemáticas de plantas e insetos com o objetivo de organizar

¹ Dom Agostinho Ikas nasceu em 20 de fevereiro de 1893, na cidade de Markelsheim – Alemanha, naturalizado brasileiro em 15 de junho de 1936, faleceu em 03 de outubro de 1968. Fez seus estudos preparatórios em Markelsheim – Alemanha e formou-se em Filosofia e Teologia no Seminário de Olinda/PE, onde se tornou Monge Beneditino. Ocupou o cargo de Professor Catedrático da Escola Superior de Agricultura do Mosteiro de São Bento de Olinda, lecionando as disciplinas de Zoologia Geral, Genética Animal e Exterior dos Animais Domésticos e Zootecnia Especial. Foi ainda, Professor de Ensino do 2º grau do Colégio Agrícola de São Lourenço da Mata/PE, no período de 1948 a 1968. Como função técnica, foi administrador da Fazenda de Gado, mantida pela Escola Superior de Agricultura de São Bento, em Tapera. Como Honraria Póstuma, o Colégio Agrícola da UFRPE, destinado ao ensino de 2º grau localizado em São Lourenço da Mata, passou a denominar-se “Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas” – CODAI.

coleções didáticas relacionadas com as suas disciplinas, que, mais tarde, vieram a se constituir num importante herbário e numa das mais importantes e representativas coleções entomológicas da região (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012).

O herbário, depois da sua partida para São Paulo, ficou sob a guarda da Seção de Botânica do Instituto de Pesquisas Agrônomicas de Pernambuco (IPA), constituindo o denominado "Herbário Pickel", com cerca de 4.600 números, sendo a maior parte das classificações feitas, antes da segunda guerra mundial, por R. Pilger, professor e pesquisador do Museu Botânico de Berlim-Dahlem e a parte não classificada foi, posteriormente, colocada em ordem pelo botânico e Professor Dárdano de Andrade Lima (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012).

A coleção entomológica, com mais de 5.000 exemplares, inicialmente ficou sob a guarda da Seção de Entomologia do IPA e, posteriormente, foi depositada na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Esta coleção, de valor inestimável para a região, até hoje cumpre a sua função, sendo a visita e a consulta obrigatória de entomologistas (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012).

Em 1924, substituindo Dom Anselmo Fuchs (1898-1952), B. Pickel assumiu, pela primeira vez, a docência de Entomologia Agrícola, dedicando-se intensamente ao ensino e a pesquisa, até o ano de 1936 (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012).

No ano de 1936, ocorreu a desapropriação da Escola Superior de Agricultura São Bento, em Tapera, pelo Governo de Pernambuco. Os professores fundadores beneditinos foram então praticamente escoraçados, pois se alegou que não possuíam

títulos de graduação nas disciplinas que ministravam. Tal cegueira legalista e burocrática não reconheceu o notório saber do naturalista Dom Bento Pickel, Dom Agostinho Ikas (1893-1968), do economista Dom Gabriel de Vasconcellos Beltrão (1897-1970) e do químico Dom Pedro Bandeira de Mello (1894-1972), que por quase vinte anos foi diretor dessa Escola Superior de Agricultura (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012).

Decepcionado, B. Pickel se transferiu então para São Paulo e se instalou no Mosteiro de São Bento. Deu início a um intenso estudo sobre os trabalhos botânicos de G. Piso e G. Marcgrave, realizados no Nordeste do Brasil no início do século XVII. De 1937 a 1949 traduziu do latim e comentou sobre diversas plantas úteis da obra *Historia naturalis Brasiliae* e *De Indiae utriusque re naturali et medica*, antecipando-se desta forma às próprias edições brasileiras do Museu Paulista de 1942, com a parte da obra de G. Marcgrave e de 1948 a parte da obra de G. Piso.

Os comentários sobre o livro IV, que trata das “propriedades dos simples” (isto é, das plantas medicinais isoladas) foram realizadas pelo erudito Dr. Olympio da Fonseca Filho, à época, professor catedrático da Faculdade Nacional de Medicina, que mais tarde confessou ter consultado intensamente B. Pickel para a identificação das plantas pisonianas. Provavelmente o resultado destas consultas tenha servido de fundamento ao seu trabalho de 1949, intitulado: "Piso e Marcgrave na Botânica Brasileira" e mais tarde, na década de 60, para o tratado “Flora do Nordeste” que permaneceu inédito até 2008 (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012).

Figura 3- Última visita dos antigos professores da ESA-SB à UFRPE (1958) - Vendo-se da esquerda para a direita, O Prof. Salvador Nigro, Prof. Ivan Tavares, Prof. João de Deus de Oliveira Dias, D. Pedro Bandeira de Melo, D. Gabriel Beltrão, D. Bento Pickel, Prof. Manoel Rodrigues (Reitor) e o Prof. Dárdano de Andrade Lima.



Fonte: ALMEIDA, 1998.

Durante o ano de 1958, Dom Bento Pickel fez a sua última visita a Pernambuco e a Universidade Rural, instituição da qual foi um dos fundadores e professor durante 25 anos, encontrando-se emocionado com seus antigos alunos.

B. Pickel veio a falecer na madrugada do dia 04 de abril de 1963, no Sanatório Santa Catarina em São Paulo e foi sepultado no passeio do claustro do tradicional Mosteiro do Largo de São Bento (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012).

Sua maior obra é a "Flora do Nordeste" que foi publicada pela UFRPE em 2008. Esta foi a mais justa homenagem que se fez à memória do incansável pesquisador e daquele que foi o primeiro naturalista da UFRPE.

Por outro lado, não há como negar, foi pela vontade expressa de Pickel (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012), que o herbário e o insetário não permanecessem na Escola. Visando a sua manutenção e conservação ele escolheu o Instituto de Pesquisas Agrônomicas para sua guarda.

As duas coleções tiveram destinos diferentes. Enquanto o herbário teve garantida a sua manutenção dentro da instituição, como até hoje se encontra, o insetário, devido a frequentes mudanças de sede do IPA, durante os anos 70 do século passado não tinha mais espaço físico para abrigá-lo. Existia inclusive uma proposta da diretoria do IPA para dividir o insetário em diversas partes e distribuí-las pelas diversas estações do IPA no Estado. Caso esta proposta tivesse sido aprovada a coleção de insetos iniciada por B. Pickel e continuada pelo Prof. Mário Bezerra de Carvalho e pelo agrônomo Ambrósio Oliveira de Freitas, teria decretado o fim de um acervo científico de valor extraordinário (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012).

Graças à iniciativa de dois professores da UFRPE, Dr. Antônio Fernando de Souza Leão Veiga (na época chefe da seção de Entomologia do IPA) e Dr. Geraldo Pereira de Arruda (na época diretor do Departamento de Biologia da UFRPE), em 1977, celebrou-se um convênio de comodato entre a UFRPE e o IPA e a coleção de insetos veio

para a área de Entomologia da UFRPE, onde se encontra até hoje.

É necessário reconhecer que se tivessem ficado na Escola Superior de Agricultura ou mesmo na Estação Ecológica do Tapacurá (fundada anos depois), tais coleções teriam se perdido. Na compreensão do Prof. João de Vasconcelos Sobrinho, fundador da Estação Ecológica do Tapacurá (EET), a permanência dessas coleções no local era inapropriada, depois da extinção da ESA-SB em 1936. Ele propôs uma recuperação e continuidade das coleções e para tanto denominou de “Insetário Pickel” e “Herbário Pickel” quando novos exemplares deveriam ser organizados nas novas coleções.

Apesar do esforço e da iniciativa dos professores de Entomologia, durante os anos 80 e 90 do século passado, esse trabalho não teve continuidade. Em trabalhos de pesquisa e ensino realizados na EET, podia-

se ver os armários da coleção do “Insetário Pickel”, com as caixas de insetos em completo abandono e sem nenhuma manutenção; bem como os armários com exsicatas do “Herbário Pickel” e armários com animais taxidermizados completamente estragados (ALMEIDA, 1998; 2008; 2012).

Dom Bento Pickel foi o único professor da ESA-SB que, durante o período beneditino, teve uma produção acadêmica significativa. No período de 1918 a 1936 publicou 44 trabalhos, entre esses trabalhos (científicos e de divulgação) de botânica, entomologia e fitopatologia. Durante toda sua vida publicou 130 trabalhos, deixando alguns inéditos, como a sua obra mais importante a “Flora do Nordeste”. Para comprovar a relevância dos seus trabalhos, 12 espécies vegetais e 12 de insetos receberam o epíteto científico “pickelii” em sua homenagem (ALMEIDA, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Examinando-se as Atas da Congregação, a partir do ano de 1929, o nome do Abade Dom Pedro Roeser, desaparece de suas páginas. Quem na ata anterior ainda era

tratado de “Rector Magnificus”, simplesmente some dos seus registros, sem nenhuma explicação.

A Plaquete de 1962, registra que:

Em 29 de janeiro de 1926, a Escola Superior de Veterinária “São Bento”, em Olinda, não conseguindo mais frequência, como se pode deduzir do número de veterinários diplomados nos últimos anos, foi fechada por determinação de D. Pedro Roeser que, desgostoso com o insucesso, se transferiu em 1929 para o Mosteiro de São Bento de Sorocaba, São Paulo, onde veio a falecer alguns anos depois (PLAQUETE, 1962, p.39).

Isto é, o motivo da sua “transferência” teria sido o insucesso da Escola de Veterinária.

Entretanto, o acontecimento parece ter sido bem mais complexo, como relata Foerster (2008), quando levantou diversas hipóteses para o afastamento do Abade. Em primeiro lugar, não foi uma “transferência” e sim uma renúncia abrupta em 10 de outubro de

1929, isto é, mais de três anos depois do fechamento da Escola, que segundo Foerster (2008) foi um dos motivos preponderantes para sua renúncia. Mas outras hipóteses devem ser consideradas: a campanha dos opositores à sua gestão na comunidade olindense e também do próprio mosteiro, que passaram a questionar suas atitudes e atos, pondo em dúvida a sua honorabilidade e o

rigor que adotava com os monges. Supostas afirmações que o Abade estaria dilapidando o patrimônio do Mosteiro ao remeter bens para a ESA-SB no Engenho São Bento, desfazendo-se de peças da prataria do Mosteiro (FOERSTER, 2008).

Por 22 anos D. Pedro Roeser esteve à frente como Abade do Mosteiro de São Bento de Olinda, sendo o fundador e principal liderança das Escolas Superiores de

Agricultura e Medicina Veterinária “São Bento”. Tendo terminado seus dias em 1955 em Jundiá, SP, onde foi considerado um benemérito da comunidade.

Dom Agostinho Ikas foi um dos únicos, entre os monges professores, que permaneceram no Engenho São Bento em Tapera, como relata o Prof. Osvaldo Martins de Souza:

“Arruar” é relembrar D. Agostinho Ikas, professor da cadeira de Zootecnia, na Escola Superior de Agricultura dos beneditinos e na Escola Agrotécnica de São Lourenço da Mata. Era a figura mais conhecida e querida do Vale do Tapacurá. Muitas vezes enfrentando rigoroso inverno a qualquer hora do dia ou da noite. Protegido por capa e guarda-chuva, tendo em uma das mãos uma lanterna, saía D. Agostinho da Escola anexa à igreja, subindo e descendo ladeiras, para dar extrema-unção a um moribundo, ou dar remédio a um enfermo, não importando se rico ou pobre, branco ou preto, crente ou ateu.

Acometido de grave doença, foi transferido para o Mosteiro de São Bento, em Olinda, falecendo em 3 de setembro de 1968, sepultado no piso do pátio interno do Mosteiro, cuja laje contém os seguintes dizeres: PA. D. In Sub, Augustino Ikas, Pater Pauperum Vocatus. Natus in Markelsheim die 20 febr 1893, obit die 3 sept 1968 (SOUZA, 2007, p.20)

No dia 09 de dezembro de 1936 a ESA-SB foi desapropriada, como bem de utilidade pública pelo interventor federal no Estado, Dr. Carlos de Lima Cavalcanti, com todos os seus bens imóveis, móveis e

semoventes. Foi então criada a Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP) e designado como seu diretor Dr. Otávio Gomes de Moraes Vasconcelos.

Segundo a Plaquete (1962):

A desolação era indescritível entre os Padres Beneditinos residentes no Engenho São Bento, que desgostosos, tiveram que mudar-se uns para o Mosteiro de São Bento, em São Paulo, como o Prof. D. Bento Pickel, que lá ficou trabalhando no Instituto de Biologia, e outros para o Mosteiro de Mussurepe, no município de Campos (RJ), como o ex-diretor D. Pedro Bandeira de Melo e o economista D. Gabriel Beltrão, que muitos anos depois, voltaram para Pernambuco, sua terra de origem (PLAQUETE, 1962, p.73).

Entretanto, no dia 10 de novembro de 1937 ocorreu o golpe de estado liderado por Getúlio Vargas, instaurando a ditadura do Estado Novo. Assumiu como interventor federal do Estado o Sr. Agamenon Magalhães que destituiu o diretor da Escola Dr. Otávio Gomes de Moraes Vasconcelos e

nomeou como novo diretor Dr. Manuel de Almeida Castro, ambos oriundos da Escola de Agronomia de Socorro (PLAQUETE, 1962).

Um autor de um artigo transcrito na Plaquete de 1962, criticou a própria Ordem Beneditina, quando escreveu:

É estranhável, ainda mais, que os Superiores da Ordem Beneditina consintam na realização tão onerosa desta desapropriação, de tão grande patrimônio pela modesta quantia de 800:000\$000 (oitocentos contos de reis), sendo 300:000\$000 (trezentos contos de reis) em espécie e o restante em apólices da dívida pública. Parece-nos que semelhante negócio é uma espécie de fuga às providências da Regra Beneditina. Providências que casam a oração ao trabalho e ao descanso: oito horas de labor no campo; oito horas de estudo e ensino, oração e meditação, e oito horas de descanso, como preconiza a Regra. Decididamente, não podemos compreender tamanha atitude passiva. A Ordem Beneditina perde, assim, um grande patrimônio e o Estado de Pernambuco realiza um negócio lucrativo, de maneira incorreta (PLAQUETE, 1962, pp.71-72).

Entretanto, como escreve Silva (2010), apesar dos discursos e as críticas se voltarem para a ideologia do Estado Novo, não houve intervenção na ESA-SB, mas, acordos que vieram suprir os anseios dos poderes instituídos a Ordem Beneditina de Olinda, os amigos do Mosteiro e o Estado.

Para concluir, em 12 de março de 1938, o interventor federal transferiu a Escola Superior de Agricultura de Pernambuco do Engenho São Bento para o bairro de Dois Irmãos, no Recife, aproveitando-se o prédio da Escola de Correção de Menores. Como encarregados pela mudança foram designados os professores Ivan Tavares e João de Deus de Oliveira Dias (PLAQUETE, 1962).

Durante o período beneditino, de 1912 a 1936, a ESA-SB formou 124 agrônomos e engenheiros agrônomos. Mesmo

considerando-se um número baixo de formandos quando comparado aos dias de hoje, é preciso enfatizar que o objetivo da escola não era formar quadros massivamente. Ao contrário, essa formação era dirigida a uma elite formada em sua grande maioria por filhos dos grupos dominantes agrários de senhores de engenho, usineiros e grandes pecuaristas do Nordeste. Alguns dos formandos desse período se tornaram quadros que iriam gerenciar propriedades agrícolas familiares ou se tornar dirigentes nas carreiras estatais ligadas à agricultura.

Quando se transformou numa escola de ensino superior pública e estatal (Escola Superior de Agricultura de Pernambuco), instalada no bairro de Dois Irmãos, a composição social do alunado mudou profundamente: dando entrada como alunos aos filhos da classe média urbana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. V. Aspectos históricos da Estação Ecológica do Tapacurá. In: MOURA, G. J. B.; AZEVEDO JÚNIOR, S. M.; EL-DEIR, A. C. A. (Org.) **A biodiversidade da Estação Ecológica do Tapacurá: uma proposta de manejo e conservação**. Recife, PE, Nupeea. p. 9-31. 2012.

ALMEIDA, A. V. Dom Bento José Pickel (1890-1963). In: PICKEL, B. J. **Flora do Nordeste do Brasil segundo piso e Marcgrave no século XVII**. Recife, PE, EDUFRPE. p.7-9. 2008.

ALMEIDA, A.V. **Prof. Dom Bento Pickel: uma biobibliografia**. Recife, PE, UFRPE, Imprensa Universitária. 1998.

ATAS da Congregação (AC). 1912.

AZEVEDO, D. S. S. Um velejar sobre o barco das memórias: Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária do Mosteiro de São Bento de Olinda (1914-1917) e Escola Superior de Agricultura no Engenho São Bento (Tapera, 1917-1938). In: PLAQUETE comemorativa do centenário de diplomação dos primeiros médicos veterinários, agrônomos e engenheiros agrônomos das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária de São Bento, Olinda – Pernambuco 1917-2017. Recife, PE, EDUFRPE. p. 7-35. 2017.

FOERSTER, P. J. E. **Dom Pedro Roeser O.S.B.:** patrono da Cadeira N° 17 da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária. Recife, PE, Livro Rápido. 2008.

LIVRO de Termo de Exames da Escola Superior de Agricultura “São Bento” (LTE- ESA-SB). 1914-1924.

MAGALHÃES, F. O.; CÂMARA, C. A. G.; ALMEIDA, A. V. O ensino da química na Escola Superior De Agricultura “São Bento”, Olinda – São Lourenço da Mata - Pernambuco (1912-1936). **Química Nova**, 31: 709-719. 2008.

PLAQUETE comemorativa do cinquentenário da Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural de Pernambuco. Recife, PE, URP, Imprensa Universitária. 1962.

PRIMEIRO Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária do Mosteiro de São Bento em Olinda – Pernambuco: 1913 – 1915. Rio de Janeiro, RJ, Oficinas Gráficas do “Jornal do Brasil”. 1916.

QUINTO Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária “São Bento” Olinda – Pernambuco 1919. Petropolis, RJ, Typographia das Vozes. 1920.

SEXTO Relatório das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária do Mosteiro de São Bento em Olinda – Pernambuco: 1915 – 1918, Rio de Janeiro, RJ, Oficinas Gráficas do “Jornal do Brasil”. 1920.

SILVA, D. S. **Tecendo memória:** linhas e entrelinhas da trajetória da Universidade Federal Rural de Pernambuco (1912-1936). 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco , Recife, 2010.

SOUZA, O. M. F. “Arruar” a Universidade Rural. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica**, 4: 19-22. 2007.

TAVARES, I. **Caderno de indústria:** Tapera-1933. In: MAGALHÃES, F.O.; CÂMARA, C. A. G.; ALMEIDA, A.V. (Ed.). **Título da publicação.** Recife, PE, EDUFRPE. p. inicial-final. 2009.